

Impresso
na
Câmara Legislativa
do Distrito Federal

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VIII

Nº 97/102

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



A obra inesquecível de
Raquel
de Queiroz

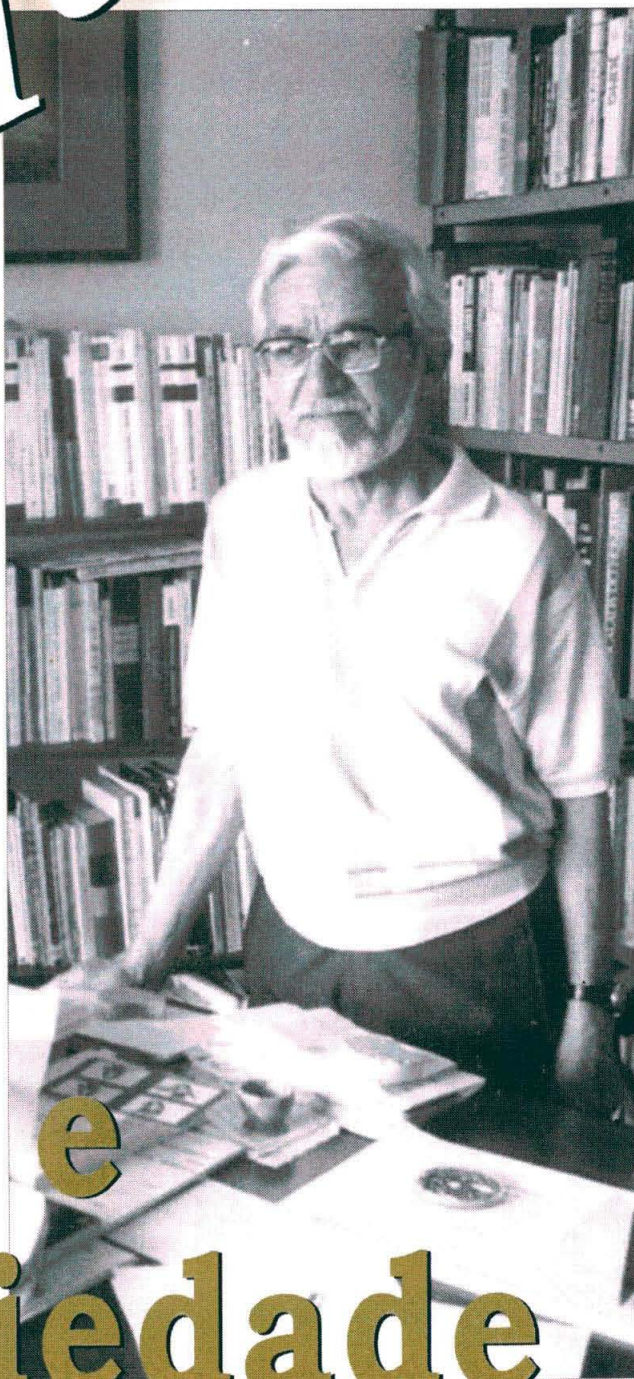
Oswaldino Marques

Em novembro de 1984 Oswaldino Marques trouxe de volta os poemas que eu lhe mostrara no primeiro encontro e que seriam publicados posteriormente com o título de *Cantigas*, obra que merecera, de sua parte, a introdução intitulada "Na outra ponta do arco-íris".

Neste segundo encontro a autora estava aflita, na expectativa de qual viria a ser a opinião do mestre que acabara de conhecer. Mas com a sensibilidade aguda que lhe era própria Oswaldino, tendo percebido o natural estado emotivo de sua interlocutora, trouxe para uma rápida leitura a dois o seu *A dançarina e o horizonte*, editado em 1977. Estabeleceu-se então o clima de cordialidade que perdurou por todo o tempo em que ele estivera entre nós.

Além do crítico, do lingüista, do ensaísta com visão sociológica do mundo, e poeta, Oswaldino possuía assim uma outra dimensão, recôndita, prevalente nos gestos e atitudes diante do mundo: a solidariedade.

A partir de três obras, dentre outras, de diferentes épocas, *A arte do amor*, de Amaru, séc. VII d.C., *Discurso sobre o belo*, de Goethe, princípio do séc. XX, e a introdução, da lavra de Oswaldino a uma coletânea de poemas, 1986, intitulada "O prisma e o arco-



Beleza e solidariedade



íris", é possível observar a evolução dessa sensível postura da humanidade com relação ao outro, através dos tempos.

Em escritos atribuídos a Amaru, século VII d.C., diz-se que Saravati, deusa hindu da lírica e da música, concedera a Shankara um prazo para que ele discorresse sobre o amor conjugal, ele que tinha vivido em celibato. Shankara passou a conviver com várias mulheres e, tendo adquirido grande experiência e sabedoria, venceu Saravati no desafio que se propuseram. Aproveitando essa experiência, Shankara escreveu um tratado sobre a arte do amor em que as mulheres são descritas com simpatia e compreensão, e os homens como amadores.

"Atingido pelo lótus que ela passeava nas mãos, o amado, cujos lábios estavam escandalosamente marcados pelos dentes de outra mulher, permaneceu quieto, de olhos cerrados, como se o polem da flor houvesse neles penetrado."

(Amaru, *A arte do amor*, poema 17)

"Quando o amado adentrou o leito

.....

Quando aprisionada em seu abraço

Eu sequer podia lembrar quem era ele

Ou quem eu era, e como se dera nosso encontro."

(Amaru, *A arte do amor*, poema 19)

Em Oswaldino, ao contrário de em Amaru, o poeta já tem a posse dos elementos que norteiam os seus sentidos na relação com o outro. Já não é aprendiz. É sujeito em plena consciência de sua entrega e do objeto de seu gesto.

"Não, não é o mar no ofego das ondas
São os teus seios bojando-se cremosos."

(Oswaldino, *O prisma e o arco-íris*)

"Eu quase não te ouvia estava por inteiro estonteado
Com o jogo das corolas a rivalizarem com tua face,
Do cetim das pétalas a querer suplantar a maciez
de teu colo.

.....

Tudo em pura perda, pois tua feiticeira beleza
Ofusca, Luaríril, o esplendor dos rosais."

(Oswaldino, *O prisma e o arco-íris*)

"Se moldo a argila querendo

Fazer uma alfaia,

E sai-me um cântaro,

É ela digo que, invisível,

Pondo seu corpo de permeio,

Guiou meus dedos por suas ancas."

(Oswaldino, *O prisma e o arco-íris*)

Oswaldino torna concreto o que predissera Rainer Maria Rilke em sua *Cartas a um jovem poeta*, em 1904.

"Esta humanidade da mulher há de vir à luz nas transformações de sua situação exterior, as convenções de exclusiva feminilidade... Um dia ali estará a moça, ali estará a mulher cujo nome não significará apenas uma oposição ao macho nem suscitará a idéia de complemento e de limite, mas sim a de vida, de existência: a mulher ser humano. ... E esse amor mais humano assemelhar-se-á àquele que nós preparamos lutando faticosamente, um amor que consiste na mútua proteção, limitação e saudação entre duas solidões."

Essa disposição fica explícita na obra de Oswaldino:

"Transcorreu tanto tempo que fiquei sem saber se você é que se derramava em mim ou se eu é que me enxugava em você. Ou se eu é que me derramava."

(*"Xérox de sonho"*, *O prisma e o arco-íris*, pág. 41)

Essa busca eterna pela beleza, que pode definir-se como o traço verdadeiramente humano da humanidade, um dia trará para nosso gáudio outros poemas eróticos de Oswaldino Marques, que por acaso se achem ocultos em alguma gaveta... Quem sabe? Pois...

"O belo é manifestação de forças ocultas da natureza. Se o belo não se manifestar, essas forças permanecerão para sempre ocultas."

(Goethe, *Discurso sobre o belo*)